



## O ENSINO DE HISTÓRIA VIRA NÚMEROS: EMBARAÇOS DA APRENDIZAGEM NO MODELO HÍBRIDO NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Lucilia Maria Esteves Santiso Dieguez<sup>1</sup>

### Resumo

O artigo discute os percursos do ensino de História, entre os meses de maio e agosto de 2021, a partir do contexto pandêmico, na Rede Básica da Prefeitura do Rio de Janeiro. Os resultados apresentados partem de uma reflexão sobre as estratégias pedagógicas adotadas na unidade escolar em que leciono, examinando tarefas elaboradas no *Google Forms* e veiculadas no aplicativo *RioEduca em casa*, disponibilizado gratuitamente aos discentes e docentes. Para reforçar nossos argumentos, os seguintes critérios foram examinados: assiduidade, formato das atividades, pontuação atingida. Considerando a adoção do modelo híbrido de ensino, algumas inquietações foram demonstradas, entre elas as consequências de um acesso remoto ruim e a presença dos discentes nas mídias como um todo. Raciocinando sobre estas questões, o trabalho apresenta dados numéricos que servem, não apenas como demonstrações da frequência e das notas dos estudantes, mas principalmente como indícios de graves problemas de aprendizagem, acentuados por uma política de prevalência de entrega de tarefas, desconsiderando prazos e métodos. A construção do conhecimento dá lugar a uma estrutura mecânica e fria de estar presente numa plataforma, cortando os laços de sentidos entre os alunos e a disciplina histórica e ainda chamando a atenção para um possível retorno de um método mais instrucional, que leva o aluno à categoria de aprendiz somente. Os dados investigativos revelam um prejuízo enorme no exercício do protagonismo do aluno e uma diluição na formação crítica, tão importante para o ensino de História. É como tornar a disciplina histórica coadjuvante de números em destaque no processo de ensino.

**Palavras-chave** – Alunos; Aprendizagem; História; Mídias; Rede.

### INTRODUÇÃO

A crise sanitária, ocasionada pela pandemia do Covid19, nos anos de 2020 e 2021, alterou significativamente, o espaço escolar, deslocando-o da esfera física para a esfera remota de maneira abrupta.

Considerando a necessidade de um afastamento social, desde então as práticas educacionais foram discutidas, repensadas, para que fossem encontrados os melhores rumos

<sup>1</sup> Mestre em História Social, pela Universidade Federal Fluminense/Professora de História da Rede Básica de Ensino da Prefeitura do Rio de Janeiro. Pesquisa Ensino de História, História das Mulheres. Email: historialucilia@gmail.com.



de um ensino remoto. Neste segundo ano de aplicações didático pedagógicas com distanciamento, docentes e discentes foram inseridos, de forma ágil, numa multiplicidade digital, que nos mostra, inclusive que, muitas vezes, uma inclusão sem planejamento adequado desemboca numa enorme exclusão.

A pesquisa apresentada é fruto de observações das estratégias adotadas na unidade escolar em que atuo, como docente de História, em turmas da Rede Básica da cidade do Rio de Janeiro. Neste texto serão contemplados os dados a partir de atividades e avaliações aplicadas em dois modelos de mídias: o *Google Forms* e o *RioEduca em casa*<sup>2</sup>, que ainda servem como mecanismos de envio e recepção das mesmas, neste segundo ano pandêmico.

Os resultados apontam questões relevantes, como acesso remoto ruim, os vácuos deixados no modelo híbrido de ensino, além dos cortes nas relações de sentido estabelecidos entre os discentes e a disciplina histórica. Mazelas estas que surgem no eixo da aprendizagem, com perdas, principalmente, naquilo que mais se requer em História: o criticismo.

Somados a isso, é possível verificar, no planejamento estrutural acolhido, uma extremada preocupação, tanto por parte das autoridades públicas, quanto por parte da gestão escolar, em somente considerar o número de acessos à plataforma e, conseqüentemente, às tarefas, deixando de lado aspectos qualitativos que pudessem manter uma aprendizagem significativa e que realçassem o papel participativo e ativo do aluno na construção de seu conhecimento.

Os indicativos apontados neste relato servem ainda para problematizarmos o perfil assumido pelas escolas neste momento de crise sanitária que, por consequência, desencadeia uma crise educacional. Partindo disso, alguns questionamentos vem à tona: desenvolver as tarefas é o mesmo que construir o conhecimento? Quantidade de acessos significa compromisso com a aprendizagem? Que embaraços propositais a estrutura mecânica causa ao ensino de História?

## **METODOLOGIA / PERCURSO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO**

---

<sup>2</sup> A plataforma *RioEduca em casa* foi disponibilizada, de maneira gratuita, aos docentes e discentes utilitários da mesma. Por este aplicativo é possível acessar sala de aula virtual, assim como o material pedagógico complementar, também ofertado pela Secretaria Municipal de Educação da cidade do Rio de Janeiro.



Os itens enlaçados nesta investigação se deram a partir das atividades ministradas entre os meses de maio e agosto de 2021. Ao todo, somamos cinco atividades deste período para discutirmos suas implicações no eixo ensino aprendizagem do ensino de História. A abordagem se refere a uma turma de sétimo ano. Ressaltamos que, os exercícios do mês de agosto ainda estão em processo e as análises dos mesmos em andamento.

A logística das tarefas seguiu o padrão orientado pela Coordenação Pedagógica da unidade, conforme direcionamento que a mesma recebeu de instâncias superiores. Deveriam ser aplicadas três atividades, de cunho objetivo, tendo as duas primeiras, o quantitativo à escolha do professor e terceira e última, obrigatoriamente, teria que seguir o modelo de dez questões.

Quanto à terceira atividade correspondente ao bloco dos meses de maio e junho, foi atribuído o perfil de “prova”, no entanto, não foi repassada esta informação aos alunos, a pedido da gestão escolar. Mesmo alçando essa denominação avaliativa à última tarefa, é relevante dizer que as demais também foram devidamente pontuadas e compuseram a média de cada educando.

Semanalmente, uma planilha elaborada pelos docentes era enviada à coordenação, a fim de que uma busca ativa fosse realizada e os responsáveis comunicados da ausência de seus filhos no aplicativo *RioEduca em casa*.

Neste trabalho averiguamos a data de postagem das tarefas, o quantitativo de devoluções das mesmas por data e o alcance da aprendizagem em três níveis: inferiores à média cinco; iguais à média cinco e, por último, entre sete e dez pontos. No conjunto, percebemos lacunas e oscilações entre uma atividade e outra, ressaltando, inclusive, estas variáveis entre as turmas, detectando os perfis heterogêneos das mesmas. Já no mês de agosto foi constatada uma frequência maior aos exercícios remotos, sendo justificada pela realização dos mesmos na própria unidade escolar, considerando ainda o retorno das aulas presenciais em horário mais estendido e com um quantitativo maior de alunos em sala.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO



Início este texto, a partir de uma tabela que estabelece o quantitativo de alunos que devolveram as atividades 1, 2 e 3 nos meses de maio, junho e parte de julho<sup>3</sup>. Os registros demonstrados se referem a uma turma de sétimo ano. O quadro está organizado a partir das datas de postagem na plataforma *RioEduca em casa*, destacando ainda o números de alunos que acessaram os formulários por dia ao longos destes meses:

**Tabela 1. Acessos e devoluções diários das Atividades 1, 2 e 3- Turma 1701- Meses Maio, Junho e Julho**

1701	DEVOLUTIVAS MAIO	DEVOLUTIVAS JUNHO	DEVOLUTIVAS JULHO
<b>Postagem Atividade 1(17/5/2021)</b>	21/5-1 26/5-3 28/5-2 31/5-2	7/6-2 8/6-2 11/6-1 14/6-2 15/6-1 17/6-1 24/6-2 25/6-1	1/7-1 2/7-1 5/7-2 6/7-3 7/7-1
<b>Postagem Atividade 2 (14/6/2021)</b>		14/6-3 16/6-1 17/6-1 21/6-1 23/6-2 24/6-1 29/6-1	1/7-3 2/7-1 5/7-4 6/7-4 7/7-1 10/7-1
<b>Postagem Atividade 3 (28/6/2021)</b>		28/6-2 29/6-2 30/6-1	1/7-4 2/7-3 5/7-2 6/7-7 7/7-2 10/7-1

Fonte: Autoria própria. Rio de Janeiro, Mai. Jun. Julho 2021.

As referências elencadas no quadro acima indicam um baixo quantitativo de devoluções diárias e, conseqüentemente, um acesso ínfimo ao aplicativo *RioEduca em casa*. Estas informações foram possíveis, pelo fato dos formulários de atividades online indicarem dia e hora de seus envios pelos alunos. Percebemos que, o período entre a data de postagem da

<sup>3</sup> O mês de julho é de curta duração, uma vez que parte dele se aplica ao recesso escolar. Logo, os registros enumerados representam um quantitativo pequeno.



Atividade 1 em maio e a data da primeira recepção da mesma mês citado há um hiato de quatro dias, assim como foi atestada uma inconstância nas devoluções ao longo dos meses que se seguem, apresentando sempre um espaço de dois dias entre uns formulários e outros.

É preciso reforçar que há, em média, trinta alunos matriculados na classe e, se analisássemos friamente a tabela 1 e somássemos, ao final, os números de estudantes que desempenharam cada uma das tarefas, em separado, afirmaríamos que houve um desfecho positivo nos acessos. Entretanto, a relevância do estudo está em interpretar os vácuos diários; as justificativas são inúmeras e aqui apontamos algumas: a primeira evidência é de que, nem sempre um aluno que realizou a atividade 2 havia acessado a atividade 1; segundo, se olharmos com atenção, a atividade 1 teve um número de acessos superior ao relativo às atividades 2 e 3; terceiro, mesmo sendo o *app* gratuito, os problemas de conexão são bastante graves, incluindo aí carência de um aparelho celular adequado ou mesmo famílias cujos compromissos e atividades só possam ser realizados em um só telefone; por último, uma resistência ao chamamento da Coordenação Pedagógica, que disponibilizou de alguns notebooks para que os discentes desempenhassem seus exercícios na própria unidade escolar, em horário diferenciado.

De fato, não houve um preparo por parte das autoridades públicas e governamentais para que se desenvolvesse um ensino remoto eficaz, que atingisse o maior número de pessoas por metro quadrado e, na cidade do Rio de Janeiro, a disparidade ficou mais clara, como afirma Meire Lourdes Pereira Almeida (2021):

[...] apontaram para uma situação já esperada, pois a sociedade brasileira possui internet de péssima qualidade, na maioria das regiões, existindo localidades que nem recebem esse sinal de comunicação [...] e muitos alunos nem possuem ferramentas de acesso digital, ou se possuem, é um celular básico para o uso de toda família.  
(ALMEIDA, 2021, p. 416)

Os números da Tabela 1, inclusive, nos remetem às discussões em reuniões pedagógicas na escola, nas quais a gestão afirmava ser positivo o fato de quase a totalidade da turma ter enviado os exercícios, desconsiderando data e compromisso com o material de apoio enviado em formato *PDF* junto aos formulários. Este fato nos interliga ao questionamento predisposto na introdução deste artigo: um quantitativo grande de acessos significa aprender e construir



seu conhecimento? E somamos a isso: o que importa são números ou aprendizagem construída e erguida passo a passo? Sobre isso, Lucilia Dieguez explicitou:

Estar “na rede” e “em rede” representou uma cobrança explícita por parte das autoridades públicas e das gestões escolares, ignorando qualquer deficiência, obstáculo ou dificuldade presentes na vida dos educadores. (DIEGUEZ, 2021, p. 168)

A presença dos educandos “na rede” e por conclusões, nas milhares de mídias que possibilitem envio e recepção de tarefas é vista, muitas vezes, como um fator de êxito no processo ensino-aprendizagem, desconsiderando as demais condições. Percebe-se uma certa exaltação a cada formulário devolvido, não importa de que forma.

No mês de agosto temos uma configuração diferente, uma vez que, os estudantes passaram a frequentar, em números maiores as aulas presenciais, já que, foi estabelecido pela própria Rede Municipal, o aumento do quantitativo por sala, variando entre 15 e 16 alunos, divididos em dois grupos. Ao longo deste mês alguns tempos de aula foram disponibilizados para as classes desenvolverem as atividades 1 e 2 no auditório da unidade escolar, utilizando notebooks ou mesmo os dispositivos móveis dos próprios estudantes. A tabela 2 fornece um retrato preciso do quantitativo de devoluções:

**Tabela 2. Acessos e devoluções diários das Atividades 1, 2 e 3- Turma 1701- Agosto**

1701	Devolutivas Agosto
Postagem Atividade 1 (2/8/2021)	2/8- 5 4/8- 2 5/8-3 6/8-3 7/8-1 8/8-1 16/8-4 29/8-1 31/8-2
Postagem Atividade 2 (30/8/2021)	31/8-14

Fonte: Autoria própria. Rio de Janeiro, Ago. 2021

Concentrando nossos esforços nos índices numéricos da atividade 1, percebemos um quantitativo pequeno de acessos diários, sendo bastante parecido ao que verificamos na Tabela 1 anteriormente. Já em relação à Atividade 2, postada em agosto último, contabilizamos um número expressivo de devolutivas, justificada pelo fato de terem-na





desenvolvido num tempo de aula destinado a isso. É claro que, os dados ainda estão em aberto, uma vez que o bimestre ainda está em curso. Como referencial do alcance da aprendizagem, demonstramos a Tabela 3, utilizando os seguintes padrões: onde estão caractere “-”, tratamos das notas inferiores a cinco; já o símbolo “=”, elencamos as notas que variam entre cinco e seis; por último, o caractere “+”, atribuímos às notas superiores a sete. Ei-la:

**Tabela 3. Índice quantitativo da Turma 1701 por notas- Meses de Maio, Junho, Julho e Agosto**

1701 MAIO JUNHO JULHO	A1 (-)	A1 (=)	A1 (+)	A2 (-)	A2 (=)	A2 (+)	A3 (-)	A3 (=)	A3 (+)
	21	2	5	19	4	1	12	7	5
1701 AGOSTO	A1 (-)	A1 (=)	A1 (+)	A2 (-)	A2 (=)	A2 (+)			
	1	4	17	0	3	11			

Fonte: Autoria própria. Rio de Janeiro, Ago. 2021

Se desmembrássemos a tabela 3, veríamos que as três tarefas correspondentes aos meses de maio, junho e julho apontam fortes oscilações de desempenho e para isso atribuímos vários fatores: agravamento de problemas em leitura e escrita; desconsideração ao material de suporte enviado junto aos formulários, logo, o aluno só acessava a atividade; o estudante só acessava o aplicativo *RioEduca em casa* para entregar o formulário e não para tirar suas dúvidas, consultar o docente. Em relação às atividades 1 e 2 do mês de agosto, percebemos uma atenção maior à apostila produzida pelo docente, orientando a feitura das tarefas. A isso somamos as explicações e debates promovidos em sala, sobre as temáticas.

Diante das averiguações comentadas até então, não enxergamos o perfil de aluno “estudante”, com atuação protagonista na edificação de seu conhecimento, saindo da postura espectadora para um perfil ativo. Ficou claro que, a busca ativa promovida pela unidade de ensino, se limitou a estabelecer e a mostrar números que, possivelmente, assegurariam o “sucesso” de uma plataforma. O “acesso” funcionaria como um sinônimo de “participação”, fato este que, nós, docentes de História, interpretamos de maneira distinta. É a criticidade dando lugar à elaboração mecânica; é como ir às aulas e responder somente quando chamado.





# IX EDIPE

ENCONTRO ESTADUAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

**CRISE SOCIAL, POLÍTICA E SANITÁRIA:**  
que finalidades educativas e didáticas  
para a escola?



Dias: 12, 13 e 14  
Outubro de 2021  
Goiânia - GO

**LOCAL:**  
[www.even3.com.br/ixedipe](http://www.even3.com.br/ixedipe)  
Para mais informações acesse  
o site do CEPED  
[www.cepeditgoias.com.br](http://www.cepeditgoias.com.br)



**ORGANIZAÇÃO:**  
**Ceped**  
Centro de Estudos e Pesquisas em Didática